

## Nota prévia

**A** segunda década do século XXI tem sido marcada por uma sucessão de acontecimentos que questionam seriamente os valores civilizacionais que nos norteavam e que, embora fossem, de quando em quando, postos em causa, nunca o foram com esta fúria e violência.

O apagamento do papel do Estado, a afirmação de uma globalização sem regras nem valores outros que não os financeiros, bem como a instalação de redes de influência económica que comandam a política abriram o caminho para uma crise social sem precedentes.

Nesse contexto, a eleição de Donald Trump para presidente dos Estados Unidos configura-se como um dos acontecimentos mais nefastos que o mundo conheceu nos últimos anos e não é possível ficar indiferente a esse facto ou olhar apenas para os sucessivos episódios caricatos e indignos, a que vamos assistindo como quem olha para uma sucessão de *sketches* de mau gosto.

A presidência Trump está a ter consequências de enorme gravidade no seu país, mas estas consequências far-se-ão sentir de um modo muito mais alargado, atingindo-nos a todos e podendo conduzir a uma ruptura civilizacional.

Sucedem-se, quotidianamente e a um ritmo alucinante, acontecimentos terríveis que colocam o mundo em transe e exigem resposta.

Este é, pois, um livro de indignação e zanga e um livro de resposta. Por muito pequena que seja a nossa capacidade de intervenção, não devemos acomodarmo-nos. Esta é uma obra que recusa a indiferença e o comodismo e que visa alertar para os perigos com que vivemos, explorar as razões por que lá chegámos e procurar caminhos de redenção.

Visa-se, sobretudo, combater a indiferença perante a acumulação de sinais do mal ou a tendência para pensar que se trata apenas de um período mais da história da América, que será corrigido nas próximas eleições.

Pode assim ser, mas não é seguro que o seja, considerando que o Partido Republicano, que começou por manifestar tantas reservas em relação a Trump, acabou por capitular no essencial, pese embora um ou outro acto isolado de rebeldia. Da mesma forma que não podemos ignorar que Trump é apoiado por uma coligação na qual aos republicanos se junta toda uma série de movimentos racistas e de extrema-direita, que em circunstâncias normais nunca sairiam de uma franja de marginalidade.

Basicamente, está nas mãos dos americanos pôr termo ao pesadelo, mas queremos que saibam que em todo o mundo nos preocupamos e somos solidários e, sobretudo, que aqueles que sonham instaurar regimes semelhantes na Europa se apercebam da repulsa que tal opção suscita.

O problema Trump está muito longe de ser apenas uma questão americana. É necessário encará-lo como uma ameaça que também paira sobre nós.

Recorde-se que Bill Gates alerta para que o orçamento proposto pela Administração Trump pode levar a milhões de mortos desnecessários em todo o mundo, provocados pelos vastos cortes na ajuda externa aos fundos de desenvolvimento.

E que Melinda Gates toca noutro ponto sensível, assinalando que o presidente deveria tratar os homens e, sobretudo, as mulheres com respeito. A antiga canção de Aretha Franklin — *Respect* — ganha infelizmente uma actualidade inesperada. Mas a canção

é um hino de luta novamente necessário, para a defesa de uma sociedade digna e onde as boas maneiras reinem.

Em 1935, Sinclair Lewis, assustado com o que se passava na Europa, escreveu um romance célebre — *Isto Não Pode Acontecer Aqui* — em que um iletrado candidato a ditador, copiando os passos de Hitler, batia Roosevelt e instalava uma ditadura nos Estados Unidos. Agora, teremos de ser nós, Europeus, a afirmar o mesmo. A afirmar que na Europa não queremos eleger clones de Trump. Que não consentiremos o regresso dos anos de chumbo nem aceitaremos que nos encostem à parede e continuaremos a bater-nos por uma sociedade decente.

Pouco depois de concluir o primeiro ano de mandato — e, mais adiante, falaremos largamente da sensação que este período nos deixou —, Trump deslocou-se ao fórum de Davos, onde teve um acolhimento que ultrapassou seguramente as suas próprias expectativas, demonstrando à evidência que a teia montada pelos interesses económicos é extremamente forte e sobrevive a arrufos de circunstância.

Os «homens de Davos» seguramente não comem hambúrgueres a todas as horas (que custam 59 euros na estância suíça, mas, seguramente, isso não seria um problema) como o presidente americano. Têm gosto e boas maneiras. Talvez até não lhes agradem muito alguns amigos de Trump, como o facínora presidente das Filipinas, talvez não apreciassem a imprudente transferência da embaixada americana para Jerusalém, mas as suas perspectivas para a sociedade não são assim tão diferentes. Trata-se mais de divergências no caminho a seguir: o liberalismo multilateral ou o nacionalismo económico. O problema da desigualdade económica e da injustiça mundial não se lhes coloca, em geral, a não ser para efeito de algumas declarações pias.

Este mundo sem regras e em que a força e o poder económico tudo comandam não é aquele em que queremos viver, nem na versão *soft* de clubes de ricos, nem na *hard* de Donald Trump.

Allen Frances, autor de uma das mais interessantes obras sobre este período (*Twilight of American Sanity*), conclui que dele não virá salvação, e que todos temos que desempenhar os nossos pequenos papéis para se conseguir uma sociedade mais sã. «Penso que devo encarar o futuro com os olhos, a mente e o coração abertos, temendo o pior, mas fazendo tudo para obter o melhor. Devemos isto aos nossos filhos e netos e aos filhos deles. Imaginem o dia em que o vosso neto vos possa perguntar: «O que estavas a fazer quando Trump destruiu o nosso mundo?»